

# **A IMPORTÂNCIA DE TRABALHAR AS QUESTÕES ÉTNICO RACIAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

## **THE IMPORTANCE OF WORKING ON ETHNO-RACIAL ISSUES IN EARLY CHILDHOOD EDUCATION**



### **VANI ROCHA FARIA MARTINS**

Graduação em Letras/Inglês pela Universidade Bandeirantes - UNIBAN(2008); Graduação em Pedagogia pela Universidade Nove de Julho - UNINOVE (2015) Pós-Graduação em Arte e Educação pela FAUESP. (2020); Professora de Educação Infantil no CEI Francisco Marcondes de Oliveira, na Prefeitura Municipal de São Paulo.

### **RESUMO**

A educação Infantil é o período em que a criança começa desenvolver suas preferências de colegas além do contexto familiar, período o qual fortalece a formação da identidade do sujeito, tornando-se, portanto, essencial a abordagem de temas relacionados à importância da diversidade étnico-racial. Nesta fase é difícil consolidar as discussões sobre relações raciais, e na escola isso não é diferente. As crianças negras enfrentam o preconceito na escola desde muito cedo, pois entram cada vez mais novas em instituições educativas, como creches e escolas de Educação Infantil.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação Infantil; Discriminação; Diversidade.

### **ABSTRACT**

Early childhood education is the period in which children begin to develop their preferences for peers beyond the family context, a period which strengthens the formation of the subject's identity, making it essential to address issues related to the importance of ethnic-racial diversity. At this stage it is difficult to consolidate discussions on race relations, and at school this is no different. Black children face prejudice at school from a very early age, as they enter educational institutions such as nurseries

and nursery schools at an increasingly younger age.

**KEYWORDS:** Early Childhood Education; Discrimination; Diversity.

## INTRODUÇÃO

É importante trabalhar a temática étnico-racial nas escolas para mudarmos os pensamentos predominantes de que vivemos em uma sociedade de direitos e não de deveres, este artigo deverá começar envolvendo alunos, família, comunidade, visando ampliar o acesso ao conhecimento de toda comunidade escolar para alcançarmos uma sociedade não discriminatória e mais igualitária. É preciso adotar políticas educacionais e estratégias pedagógicas de valorização da diversidade, a fim de superar as desigualdades étnico-raciais presentes na educação brasileira.

É importante abordar e discutir o tema Direitos Humanos e Educação para as relações étnico-raciais para que a visão, atitude, preconceito, intolerância, dentre outros, sobre a cultura afrodescendente, tanto por parte dos educadores quanto a dos educandos e a sociedade em geral seja aprimorada por meio do conhecimento a fim de diminuir as diversas situações constrangedoras que ferem direta e indiretamente os direitos humanos e a interação das relações étnico-raciais.

Nosso objetivo com este artigo é valorizar a cultura afrodescendente, reconhecer sua presença de forma positiva nos diversos segmentos da sociedade no que diz respeito à leitura, arte, culinária, religião, música e dança.

## AS DIFERENÇAS RACIAIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Segundo Gomes (2001) é necessário:

Garantir que uma escola seja igual para todos e respeite a particularidade do povo negro não depende apenas de preceitos legais e formais. Não podemos acreditar numa relação de causa e efeito entre a realidade educacional e o preceito legal.

Por mais avançada que uma lei possa ser, é na dinâmica social, no embate político e no cotidiano que ela tende a ser legitimada ou não. E a realidade social e educacional sobre a qual uma lei pretende agir é sempre complexa, conflituosa, contraditória e marcada pela falta de equidade social e racial. (GOMES, 2001, p.89).

Assim, o que está em jogo é a diferença do outro e sua identidade, que exige que se abdique daquilo que se é para assumir a identidade do eu como modelo a ser imitado. O eu nesse caso, é o branco, ocidental, e, como tal, superior. O desafio, então, tem por base o fato de que a relação entre o um e o outro é sempre conflitiva e marcada por instâncias diferenciadas de poder. O diferente precisa se tornar um igual e, com isso, acaba sendo ainda mais dominado, como cita a autora.

O desafio da escola e dos projetos educativos que orientam a prática está no fato de que, para compreender a cultura de um grupo ou de um indivíduo que dela faz parte, é necessário olhar

a sociedade onde o grupo ou o indivíduo estão e vivem. É aqui que as diferenças ganham sentido e expressão como realidade e definem o papel da alteridade nas relações sociais entre os homens.

Educar é, então, um desafio, posto que se processa no interior de um embate entre interesses, dominação, exploração revelando a existência do poder e seu exercício sobre os indivíduos, grupos ou sociedades tidos como diferentes. Educar tem sido o meio pelo qual o diferente deve ser transformado em igual para que se possa submeter, dominar e explorar em nome de um modelo cultural que se acredita natural, universal e humano." (GUSMÃO, 2005, p.43).

Ainda apoiado na discussão da igualdade x diferença na Educação, não somente infantil, percebe-se ser frequente se ouvir que nas escolas "todos são iguais" e que aos olhos do educador não há diferença. No entanto, todos sabem que essa igualdade não é real, pois os alunos que ali estão têm as mais diferentes origens, são portadores de diferentes histórias de vida, as quais informam seu modo de ser e suas possibilidades de aprender. Porém, todos acabam sendo vistos como iguais, pois são vistos a partir do lugar que ocupam no interior da escola como alunos, uma categoria que tem suas diferenças obscuras, sem serem vistos como sujeitos socioculturais.

Gomes (2001) aponta para o fato de que é na vida escolar que a pluralidade cultural de grupos étnicos, sociais ou culturais precisa ser pensada e levada em conta como matéria-prima da aprendizagem, porém, não se fazendo somente em dias especiais, datas comemorativas ou momentos determinados em sala de aula, como, por exemplo, no Dia da Consciência Negra, como acontece em grande parte das escolas. Para a autora, fazer isso é "congelar" a cultura, retificá-la, transformá-la em recurso de folclorização e, então, como já dito, acabar por acentuar as diferenças, rompendo a possibilidade de comunicação e de aprendizagem para reforçar os mecanismos discriminatórios e a desigualdade, instaurando a impossibilidade da troca e dos processos de igualdade entre sujeitos diferentes.

Portanto, faz-se necessário entender, diante do colocado, que o adulto, professor, não projete o seu olhar sobre as crianças, colhendo junto delas apenas o reflexo dos seus próprios preconceitos e representações. Para a autora, isto exige romper com a cultura oficial, procurando mudar a mentalidade em direção à uma consciência de classe para que o docente possa compreender-se enquanto ser social, que supere o senso comum e, concomitantemente, altere, tanto as suas relações de trabalho quanto às condições objetivas da prática educativa. .

Porém, para que isso se efetive, ainda nos dizeres da autora, torna-se necessário o saber e se dispor a ouvir o que o aluno tem a dizer a respeito de si mesmo e do outro que com ele partilha a vida, partilha o espaço escolar em seu dia-a-dia, incluindo o próprio professor, o que não é simples.

Entende-se que a diversidade social e cultural, a pluralidade étnica e racial são hoje o desafio daqueles que não querem ser apenas pessoas que ensinam, mas querem também educar. Essa busca pautar-se por princípios mais amplos e tentam apoiar-se nas leis que regulam e orientam o processo educativo, entre elas a LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional) e os PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) e atual BNCC.

Assim, pode-se concluir que todos os autores pesquisados preconizam que os professores precisam estar atentos às manifestações ocorridas no contexto escolar da mesma forma que o aluno, no caso da educação infantil, pois mesmo pequenos podem estar praticando atitudes racistas como

já foi exposto. Além disso, é fato que o preconceito racial e a discriminação se proliferam nas escolas, por meio de mecanismos ou funcionamento do ritual pedagógico entendido como a materialização da prática pedagógica, exclui dos currículos escolares a história de luta dos negros na sociedade brasileira. Sobre tal aspecto.

Cavalleiro (2000) afirma:

[...] é flagrante a ausência de um questionamento crítico por parte das profissionais da escola sobre a presença de crianças negras no cotidiano escolar. Esse fato, além de confirmar o despreparo das educadoras para relacionarem com os alunos negros evidencia, também, seu desinteresse em incluí-los positivamente na vida escolar. Interação com eles diariamente, mas não se preocupam em conhecer suas especificidades e necessidades. (CAVALLEIRO, 2000, p.35).

## QUESTÕES ÉTNICOS RACIAIS E A FORMAÇÃO DOS PROFESSORES

Os professores muitas vezes não possuem a capacitação adequada para lidar com situações em que crianças são discriminadas e relatam as situações vivenciadas. No entanto, sabemos que com o estudo e aprimoramento cultural e de formação profissional por meio de pesquisas e trabalhos, essa situação pode ser superada e trabalhada de forma eficaz.

Com tal capacitação os professores podem trazer material para sala de aula como apoio para trabalhar de forma contextualizada com o aluno para que o mesmo compreenda o assunto abordado e entenda seu papel social. Podem ser feitos trabalhos de valorização da cultura, de teatro, pesquisa, debate aberto sem preconceito. Trabalhar com o lúdico, inserir nas atividades e desenhos atitudes que favoreçam o amor, o carinho e a amizade, independente da etnia, da religião ou dos costumes para que o assunto deixe de ser um processo de hierarquização, exclusão e discriminação contra o indivíduo ou toda uma categoria social que é definida como diferente com base em alguma marca física.

A escola não é o único lugar onde devemos trabalhar relações étnico-raciais, temos que trabalhar em casa, na comunidade, etc. Fazendo com que este trabalho escolar ultrapasse os muros da escola e desperte nas pessoas a vontade de conhecer, estudar e discutir sobre o assunto, pois é um direito que temos pelo simples fato de sermos seres humanos

Precisamos antes de querer encontrar uma solução rápida como forma de antídoto, repensar nosso processo histórico para entendermos melhor nossa situação-problema atual. Todos nós sabemos que por questões políticas, econômicas e culturais, o negro vem sendo há muito tempo marginalizado indireta e diretamente pela sociedade a qual ele pertence. No Brasil percebemos por meio de estudos que o negro por volta do século XVI trazido como escravo nas grandes navegações e sendo visto como moeda de troca e objeto. Por muito tempo foi considerado coisa pelos católicos europeus e sendo vistos como coisas não mereciam dignidade e humanidade.

Por mais que esse conceito carregado de preconceitos, interesses políticos e econômicos seja compreendido hoje como absurdo, seu fardo ainda é muito recorrente na nossa sociedade brasileira. Tendo em vista as alunas negras que anseiam “domesticar” seus cabelos “embranquecer-se” para que não fiquem tão diferentes das alunas brancas e aceitas pela escola que na verdade

é a representação da sociedade atual. Enquanto que as outras alunas, incentivadas em casa a assumirem seus cabelos lutam constantemente para se impor e mostrar que o diferente também é belo, deve ser respeitado e aceito.

As mudanças nesse âmbito são lentas e gradativas, podemos perceber que tais mudanças só começaram a ganhar mais destaque quando o então presidente da República Fernando Henrique Cardoso declarou em seu discurso de posse que havia um problema racial no Brasil e que era necessário saná-lo. A partir disso surgiram propostas a fim de dar continuidade na resolução do problema de racismo no governo do presidente Lula com o documento: "Brasil sem Racismo" nos anos 2000.

A escola é de fato o ambiente em que todas as diversidades culturais se manifestam por ser uma representação direta da sociedade, mas que muitas vezes só uma variedade é escolhida como a melhor e assim deve ser seguida. No caso a variedade branca é considerada a melhor e superior à negra, e por esta razão uma acaba excluindo a outra como se esta outra não fosse importante ou de fato que não exista.

As relações étnico-raciais dentro da escola são moldadas pela cultura. A partir do momento em que o monoculturalismo reina nos currículos escolares, o silenciamento de outras culturas não dominantes acaba por se impor. ARROYO, 2007, p.28.

Apesar do Brasil e do brasileiro, durante muito tempo se vangloriar de não ser racista, vemos o racismo nas pequenas coisas e atitudes com falas subliminares.

Para combater atos de racismo, somente torná-los crime inafiançável não basta, pois há atitudes racistas muito "sutis" que muitas vezes passam como "meras brincadeiras". Crianças não nascem racistas, se tornam, no convívio com os adultos racistas. Precisamos educar as crianças para a diversidade da sociedade da qual ela faz parte para não necessitar punir os adultos pelas ações de intolerância racial, dentre outras. É necessário também que demonstremos a essas crianças que ser diferente é bom, saudável e que podemos aprender muito se deixarmos de lado o olhar maldoso, afinal todos são diferentes a sua maneira.

Crianças aprendem com exemplos, que eles sejam então bons exemplos.

O foco deste artigo é que por meio dele e por intermédio das nossas crianças a sociedade respeite e entenda que todos são de fato, iguais perante a lei e à sociedade, nas suas relações sociais e inclusive escolares. Que o professor, como formador de opinião saia das amarras do conservadorismo elitista, individualismo e por consequência abandone as visões racistas, que muitas vezes são produzidas em simples gestos, comentários ou até olhares, mas que ganham proporções imensuráveis.

## **O CURRÍCULO NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Faz-se necessário perceber a importância de se incorporar nos currículos da pré-escola, práticas, metodologias que possibilitem a construção de um sentimento de identificação, que regaste a história dos negros, sua herança africana e sua importância na formação do Brasil. É, também,

necessário que o nível sociocultural dos alunos tenha relação visível com o currículo escolar. Por meio da matriz africana, jovens e crianças reproduzem e recriam, em sua experiência cotidiana, na vida familiar e nas celebrações grupais, os valores que são passados de geração em geração.

[...] a escola ainda que sozinha não seja capaz de reverter anos de desqualificação da população negra e supervalorização da população branca, a longo prazo ela pode desempenhar um importante papel na construção de uma nova cultura, de novas relações que vão além do respeito às diferenças. (SANTOS, 2001, p.102).

Portanto, a Educação brasileira diante disso tudo, precisa, no contexto das salas de aula, partir da ideia do aluno enquanto um ser social dotado de cultura que o define. E, para tanto, é preciso reconhecer a importância da afirmação da identidade, levando em conta os valores culturais dos alunos e respeitando a história de seu grupo étnico/social.

Assim, um currículo democrático, que reconheça a importância de se incorporar valores da tradição afro-brasileira, implica na Educação Infantil, na criação de espaços para a participação, para cantar, dançar, partilhar. É possível, inclusive, por meio de narrativas, teatros, brincadeiras resgatar, por exemplo, os mitos sobre orixás, falando dos heróis da comunidade, das festas, como o frevo e a congada, entre outros.

Em relação à literatura infanto juvenil, pode-se dizer que as imagens ilustradas também constroem enredos e cristalizam percepções. Sendo assim, é importante perceber, como os negros são representados nas histórias infantis.

De acordo com Lima (2005), geralmente quando personagens negros entram nas histórias aparecem vinculados à servidão e à escravidão. Para esta autora, o problema não está em contar histórias de escravos, mas na abordagem do tema, que, na maioria das vezes, faz com que crianças negras se sintam constrangidas.

É preciso ter orgulho de ser negro. Segundo Ortiz (2003), só por meio de uma releitura dos elementos que compõem as culturas negras no Brasil é que poder-se-á tentar um meio, um aprofundamento pedagógico, que encaminhe para uma pedagogia genuinamente brasileira, capaz de resgatar para todos os brasileiros uma cultura considerada até agora marginal, mas que responde pela identidade cultural do país, estando presente em todos os setores da sociedade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na escola, assim como em outros espaços sociais, pouco se era discutido ou colocado em evidência as questões ligadas ao preconceito racial. Com a LDB 9394/96 em vigor e com a divulgação da Lei 10.639/2003, de certa forma, mexeu com algo adormecido e um novo tempo recomeça nesses espaços. O que era silenciado, omisso, cria voz, e tem direitos, inclusive com porcentagem estabelecidas em Lei.

Para que essa questão seja de fato trabalhada no interior da escola, a mudança tem que ser de dentro para fora, tem que atingir toda comunidade escolar. Os negros devem ocupar os mesmos espaços que os brancos e terem as mesmas oportunidades. A escola deve trabalhar e valorizar a

cultura afro-brasileira, a qual cada um tem um pouco dessa história.

É preciso trabalhar as questões do preconceito desconstruindo conceitos equivocados, que muitas vezes os alunos trazem para escola da forma que aprendeu em casa, ou na rua com os colegas, tendo desprezo e apatia do negro. Faz necessário a escola propor um diálogo aberto e franco para que o ódio, o orgulho, a segregação seja desconstruída e o negro tenha sua história contada com orgulho, das lutas que vivenciou.

Desde a educação infantil esse tema deve ser abordado na escola, com objetivo de atingir os núcleos familiares, de onde pode se trabalhar na raiz do problema.

A escola deve trabalhar contra toda e qualquer discriminação na escola. Deve-se valorizar a culinária, os cabelos e os penteados africanos, os trajes, as músicas entre outras coisas que fazem parte da rotina de cada um de nós.

A escola deve ser um espaço que prevê a igualdade de condições e acesso tanto aos negros quanto aos brancos e que nenhum se sobrepõe o outro, seja nas questões de liderança, nas brincadeiras, nas execuções, nos projetos, enfim, todos devem ser respeitados em suas diferenças.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências.** 2003. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/l10.639.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10.639.htm). Acesso 1 dez. 2023.

BRASIL. MEC. Lei nº 9394/96. **LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** 1996. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/leis/lein9394.pdf>. Acesso 10 dez 2023.

CAVALLEIRO, Eliane. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar: Educação e poder; racismo, preconceito e discriminação na Educação Infantil.** São Paulo: Summus, 2000.

CAVALLEIRO, Eliane. **Educação anti-racista: compromisso indispensável para um mundo melhor.** In CAVALLEIRO, Eliane. **Racismo e antirracismo na educação: repensando nossa escola:** São Paulo: Summus, 2001

GOMES, Nilma Lino. **Educação cidadã, etnia e raça: o trato pedagógico da diversidade**. In: CAVALLEIRO, Eliane. **Racismo e antirracismo na educação: repensando nossa escola**: São Paulo: Summus, 2001.

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de. **Os desafios da diversidade na escola**. In: GUSMÃO, Neusa Maria M. de. (Org.). **Diversidade, cultura e educação: olhares cruzados**. 2 ed. São Paulo: Biruta, 2005.

ORTIZ, Renato. **Cultura Brasileira e Identidade Nacional**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

SANTOS, Isabel Aparecida dos. **A responsabilidade da escola na eliminação do preconceito racial: alguns caminhos**. In: CAVALLEIRO, Eliane. **Racismo e antirracismo na educação: repensando nossa escola**: São Paulo: Summus, 2001.





**REVISTA** **TERRITÓRIOS**

Profa. Dra. Adriana Alves Farias  
Editora Chefe

Editora Educar Rede  
Lauzane Paulista SP  
Rua João Burjakian, 203  
02442-150 São Paulo/SP

POLO LAUZANE  
Fone: (011) 2231-3648  
Whatsapp: (011) 99521-3445